

Islã e Identidade Cultural

*Najla Mahmoud Kamel**

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar o Islã sob a perspectiva de uma tradição não-secular, isto é, entendendo-o como uma realidade intimamente ligada a Deus e à religião, reconstituindo assim a relação entre o homem e Deus, nas bases da autoridade do Alcorão.

A análise contém opiniões de alguns estudiosos, que discutem como os deveres religiosos do muçulmano o identificam e o orientam em sua vida espiritual e social.

Finalmente, este estudo conclui que o Islã hoje pode ser entendido como uma resposta ao “modernismo” e suas várias manifestações.

Palavras-chave: Islã, Islamismo, Identidade, Secularização.

Antes do final do século VII, um grupo governante árabe identificava uma nova revelação, que durou 23 anos, dada por Deus a Maomé¹, um cidadão de Meca. Era o surgimento do Islã. Mais tarde, as mensagens reveladas foram reunidas sob a forma de livro sagrado, o Alcorão.

Com o crescimento da população islâmica, questões relacionadas com o poder e a liberdade, entre outras, exigiram novas explicações, que desenvolveram diversas doutrinas. Portanto, são não só islâmicos o Alcorão, o Hadith (sentenças que o Profeta deixou) e a Sunna (vida prática e diária do Profeta), mas também as formas sagradas da arte islâmica, as escolas de filosofia e as ciências, assim como as ins-

* A autora é Profa. Assistente do Departamento de Letras Orientais da FFLCH-USP.

1. Quando em qualquer língua islâmica, alguém diz o Profeta, quer referir-se a Muhammad (Maomé), cujo nome como tal não é nunca repetido a não ser que, como gentileza, seja seguido pela frase: “Com ele esteja a bênção e a saudação de Deus”.

tuições sociais e políticas, de modo que todos esses aspectos se tornam importantes para a compreensão do Islã.

Muitos estudiosos ocidentais das religiões comparam, com frequência, religião e secularização.

No caso específico do Islã, é necessário conhecer, por exemplo, questões como as levantadas por Antoine Vergote², quando da sua participação no Simpósio Euro-Árabe, realizado em Hamburgo no ano de 1983, onde foram apresentados estudos sobre religião e a civilização na Europa.

Nesse simpósio, Vergote (1983) discute a religião, e principalmente o Cristianismo, segundo as perspectivas e tendências da secularização.

Escreve o autor:

[...] a secularização indica um processo ativo ou passivo, pelo qual uma realidade intimamente ligada a Deus e à religião retorna ao mundo profano (1983: 421).

Para Vergote, a idéia de modernidade, geralmente, considera as culturas secularizadas superiores àquelas que não o são.

O autor adverte que as civilizações ocidentais, ao buscarem a transformação científica e tecnológica, rompem com o passado, mas criam novos problemas.

Diante desse quadro, podemos perguntar-nos sobre qual seria o sentido da religião.

De acordo com Vergote, o homem, ao distanciar-se das religiões, alegando a existência de “obsessões doutrinárias e fanatismo”, dedica-se com a mesma energia à tecnologia, convicto de que melhora as suas condições de vida e aperfeiçoa a si próprio em nome do progresso.

O autor propõe, então, uma revisão do que ele denomina de “pensamento insensato”, resultante do avanço obstinado da racionalidade científica, para que as pesquisas de ordem cultural e espiritual consigam “com um esforço comum, unir os homens para que a civilização tecnológica não abafe o espírito” (1983: 425).

Podemos, do mesmo modo, observar e complementar esta preocupação com Granger (1994), que diz:

É limitado o campo em que a visão científica de conhecimento pode legitimamente exercer-se? Devemos traçar fronteiras à ciência? A resposta é não, no sentido de que nenhu-

2. Professor emérito da Universidade Católica de Leuven (Bélgica) e fundador dos Centros de Psicologia da Religião das Universidades Católicas de Leuven e de Louvain-la-Neuve.

ma razão derivada da natureza da ciência obrigue a delimitar-se seu campo de investigação. No entanto, nem toda espécie de fenômeno lhe é igualmente acessível. O obstáculo único, mas radical, me parece ser a realidade individual dos acontecimentos e dos seres. O conhecimento científico exerce-se plenamente quando pode neutralizar essa individuação, sem alterar gravemente seu objeto, como acontece em geral nas ciências da natureza. No caso dos fatos humanos, ela se empenha por envolver cada vez mais estreitamente o individual em redes de conceitos, sem esperar um dia poder atingi-lo. Este é o único sentido de uma limitação da ciência. Por outro lado, a ciência não se propõe de modo nenhum resolver as questões que envolvem escolhas de valor. Vimos que ela própria levanta problemas éticos; sem dúvida, ela deve contribuir para nos informar e nos esclarecer a respeito desses problemas, mas absolutamente não seria capaz de resolvê-los. O erro mais grave sobre esse ponto consistiria em transformar conhecimentos positivos cientificamente estabelecidos em preceitos de escolha e de ação. Feitas essas reservas, diante da ciência, não devemos ostentar nem um ceticismo desconfiado, nem uma fé cega, e sim uma admiração profunda e uma confiança razoável (1994: 113-114).

A partir dessas considerações, defrontamos com a seguinte questão: como fica o Islã neste contexto da modernidade e da secularização?

Para Vergote, a secularização ainda não se coloca como problema para o Islamismo, pois no Islã não há uma divisão das diversas áreas do conhecimento.

A esse respeito, o autor muçulmano contemporâneo Seyyed Hossein Nasr³, ao discutir a questão da secularização e o seu significado no Islã, ressalva que:

Quando desejam estudar o mundo islâmico, as pessoas cujos espíritos se alimentam do pensamento ocidental recorrem inevitavelmente aos conceitos de religião e secularização. Porém as palavras nem sempre possuem o mesmo significado quando se empregam em contextos diferentes. Isso é especialmente correto quando se trata de civilizações distintas. Portanto, é necessário definir o que se entende por religião e secularização em relação ao Islã antes de estudar seu significado na história islâmica. Para qualquer familiarizado com o Islã, é evidente que estes termos não têm o mesmo significado nas línguas ligadas com a civilização muçulmana que têm nas diversas línguas européias. De fato não existe nenhum

3. Pensador iraniano, uma das principais autoridades contemporâneas em assuntos islâmicos, história da filosofia da ciência oriental e ocidental. Atualmente é professor de Estudos Islâmicos na Universidade George Washington, nos EUA. Dentre suas obras, destacam-se: *Ideals and Realities of Islam, Sufi Essays, Knowledge and the Sacred, Traditional Islam in the Modern World, Islamic Cosmological Doctrines e Islamic Life and Thought*.

termo em árabe ou persa clássico que seja exatamente sinônimo da palavra “secularização”. Tampouco existe no Islã a distinção entre o religioso e o secular, ou o sagrado e o profano, tal como se dá no mundo cristão (1985: 17).

Como também aponta Fouad Moughrabi⁴:

A experiência islâmica no mundo moderno reconstituiu a relação entre o homem e Deus nas bases da autoridade fundamental do Alcorão Sagrado. Este é fundamentalmente um processo de redefinição que envolve a reformulação religiosa com implicações políticas. Diferente de outra religião monoteísta, o Islã não faz distinção entre o espiritual e o temporal. É, ao mesmo tempo, o cenário de crenças religiosas e dogmas e um padrão de comportamento projetado para ordenar as relações entre o homem-homem e entre homem-estado (1995: 72).

É importante, portanto, examinar a experiência religiosa islâmica incluindo tanto o contexto político como o contexto social, pois o Islã é uma religião e, simultaneamente, uma ordem social e política baseada nos princípios revelados.

Retomando rapidamente o quadro histórico, notamos que, se originariamente o Islã foi uma resposta ao politeísmo das tribos na Península Arábica e às práticas religiosas tanto do Cristianismo como do Judaísmo, hoje, a religião islâmica pode ser entendida como uma resposta ao “modernismo e suas várias manifestações” (Moughrabi, 1995).

Antoon Geels⁵ escreve que a religião, como fator da integração, pode desempenhar um papel significativo na formação da identidade coletiva. A religião islâmica, como qualquer outra religião, pode ter uma função própria na vida dos indivíduos e dos grupos. Para Geels:

O Alcorão, contudo, tem uma posição única como texto lido e ouvido, texto recitado, memorizado e transformado em caligrafia (1997: 238).

De acordo com Geels, o Alcorão contém um vasto aparato de imagens e metáforas que podem ser usadas na criação de diferentes significados e representar um grande número de experiências humanas.

4. Estudioso da Universidade de Tennessee em Chattanooga.

5. Do Departamento de Teologia e Estudos Religiosos da Universidade de Lund, Suécia.

Para muitos muçulmanos, segundo ele, o Alcorão, como Palavra revelada, representa uma norma infalível que não pode ser questionada. Porém, para Geels, há sempre o problema da interpretação e da aplicação.

Com relação a essa questão levantada por Geels, Jansen (1974), que discutiu *A Interpretação do Alcorão no Egito Moderno*, observa que podemos perceber a existência de pelo menos três aspectos ou tendências na exegese moderna do Alcorão:

- a) um aspecto da história natural, baseada na visão de que o Alcorão antecipa a ciência moderna;
- b) um aspecto filológico, isto é, o significado literal do texto, considerando problemas como língua enigmática, novas palavras, sintaxe arrojada, e assim por diante;
- c) um aspecto prático, isto é, o significado do texto com respeito às ações humanas.

Jansen tenta mostrar, a partir desses três aspectos, que o Alcorão antecipa a ciência natural e, possivelmente, no nosso caso, a psicologia como ciência.

Geels, no entanto, pensa que é razoável supor que esse tipo de aproximação hermenêutica representa um procedimento de uma elite intelectual muito instruída.

Jansen continua:

Na psicologia social, o nível de análise poderia naturalmente apontar para vários outros fatores, que influem na importância do Alcorão na vida individual dos muçulmanos. Na maioria das sociedades muçulmanas, independentemente de serem teocracias tal como o Irã, ou um estado secular como a Turquia, ou um estado moderno como o Egito, podemos observar uma socialização religiosa forte (1974: 239).

Ainda, segundo Jansen, a oração islâmica realizada cinco vezes ao dia, a representação caligráfica nos diferentes lugares e a recitação nas mesquitas são fatos que confirmam e reforçam a importância do Alcorão tanto no contexto social como no ambiente físico.

Podemos observar em Zari Hedayat-Diba⁶ uma opinião que complementa a de Geels, quando diz:

6. Profissional da Saúde Mental, da Califórnia.

O Alcorão alivia, ajuda e fortalece o muçulmano, e representa o aspecto básico da identidade cultural. O Alcorão permite ao indivíduo dominar seus problemas da vida diária (1997: 239).

Geels ainda enfatiza a importância da dimensão emocional do Alcorão na vida dos muçulmanos. Esta dimensão cria pelo menos duas possibilidades. O componente emocional, se corretamente integrado com a compreensão intelectual, pode significar uma compreensão profunda, um alargamento de perspectiva.

Porém o autor chama a atenção para outra possibilidade: a dos perigos da religião, não na religião propriamente dita, mas nos caminhos que as pessoas usam com base nos textos da Bíblia ou do Alcorão. Para ele, há uma tensão entre relatividade cultural e identidade cultural. Assim, há a necessidade de uma hierarquização de valores nas tradições religiosas para a identificação de um grupo e a criação de um sentido de pertencimento; por outro lado, há a relatividade cultural, que limita a qualquer cultura o direito de declarar que sua identidade é a única definição verdadeira da realidade.

Vejam, agora, o que Gamal Abou El Azayem⁷ (1994) juntamente com Zari Hedayat-Diba estudaram.

Ambos mostraram a origem e os princípios básicos do Islã; discutiram os cinco pilares⁸ da religião islâmica e os benefícios psicológicos. De acordo com os autores, o Islã proporciona orientação para toda a vida, construindo referências para questões como a família, o divórcio, a poligamia, o bem-estar dos pais e dos idosos, a educação, o trabalho, proscricções contra o suicídio, perversões sexuais, criminalidade e discriminação racial.

Para ambos, o “sucesso” do Islamismo é determinado pela revelação do Alcorão, que dita leis para as atividades diárias, e este processo tem sido considerado por muitos como uma secreta psicologia.

A adesão a essas leis, segundo eles, tem protegido a comunidade muçulmana dos perigos associados com atividades como o jogo e a bebida alcoólica.

Além disso, apontam que o respeito dos muçulmanos a todos os Profetas e sua fiel obediência a um único Deus, podem servir como “um catalisador para aconselhar as pessoas de todas as nações a adotar as atitudes psicológicas de amor, respeito mútuo, cooperação, amizade, e outras normas construtivas” (1994: 44).

7. Hospital Psiquiátrico e Centro de Pesquisa do Cairo, Egito.

8. Os pilares são os deveres, obrigações de todo muçulmano: profissão de fé; oração; jejum; peregrinação e doação de esmolas.

Segundo eles a fé na recompensa e na punição constitui, psicologicamente falando, a válvula de segurança para o domínio das atividades individuais a serviço do bem-estar da comunidade.

Ainda para os autores, isso não quer dizer que o Islã proíba os prazeres, mas, sim, extravagâncias e excessos.

Portanto, uma das funções psicológicas destas leis é ajudar o indivíduo a regular suas necessidades emocionais e físicas a serviço do espiritual.

Com relação aos benefícios psicológicos dos pilares do Islã, Azayem e Hedayat-Diba (1994) mostram o seguinte, segundo nosso entendimento.

- *Ablução*: caracteriza um estado de pureza. Essa limpeza, cinco vezes ao dia, antes das orações, garante um efeito psicológico nos muçulmanos, ajudando-os momentaneamente a esquecer as preocupações mundanas e tornando-os mais concentrados na preparação desses atos do culto.

- *Oração*: o conjunto das cinco orações ajuda na criação de um sentimento de familiaridade, amizade, generosidade e igualdade. A recitação do Alcorão durante a oração, silenciosamente ou em voz alta, representa uma série contínua de ensino, de escuta, e de memorização dos dizeres alcorânicos, e um lembrete de que a vida diária do muçulmano e a fé são continuamente entrelaçadas. A oração pode, então, ser vista como uma proteção psicológica preventiva contra a ansiedade e a depressão.

- *Jejum*: é outro pilar que ajuda a regular excessos e possibilita o domínio da vontade do muçulmano. Isso gera maturidade e promove disciplina espiritual precoce. O jejum também favorece a compaixão dos que têm fome e aumenta o sentimento de gratidão para as dádivas de Deus na vida.

- *Peregrinação*: nessa ocasião, muçulmanos de todas as partes do mundo, de todas as ocupações da vida e de todas as camadas socioeconômicas reúnem-se na cidade sagrada de Meca, sem discriminação entre si. A realização da peregrinação demonstra qualidades mentais de determinação e intenção, qualidades valorizadas no Alcorão.

- *Doação de esmolas*: representa a participação cooperativa do muçulmano na ajuda ao pobre. Esta participação leva a um sentimento de compaixão que alivia o ódio, a inimizade e o isolamento na comunidade. Promove uma atitude emocional de generosidade e gratidão, que é pensada como preventiva contra a depressão, sentimento de culpa e criminalidade.

Azayem e Hedayat-Diba (1994) apontam igualmente para os aspectos psicológicos na vida diária islâmica. Por exemplo, cuidar da família ocupa uma posição proeminente no Islã, o que promove uma maturação psicológica sadia. O divórcio

neste sentido é visto como desagradável e deve ser prevenido. Porém é permitido sob certas condições.

Também a poligamia é permitida nos países islâmicos. Contudo, esta permissão ocorre em casos de enfermidades crônicas ou incuráveis e no caso de infertilidade feminina. A poligamia é vista como proteção à família do desvio da relação sexual ilegal e do perigo de contrair doenças sexualmente transmissíveis – embora alguns muçulmanos possam abusar destas orientações para seu próprio prazer e benefício.

Os autores ainda mostram que os princípios islâmicos de tolerância, de perseverança e de perdão aumentam a força de vontade e a autoconfiança, sustentando sentimentos de esperança e otimismo, e protegendo a pessoa contra sintomas de depressão, por exemplo. Dados estatísticos mostram que o suicídio é raro na sociedade islâmica.

Com relação ao sexo, o Islã o considera como uma expressão física e emocional de amor entre homem e mulher e não deve ocorrer fora do casamento. O adultério é proibido e considerado uma forma de perversão. Como resultado destes princípios sexuais, Azayem e Hedayat-Diba apontam que várias doenças, incluindo a AIDS, são raras nas comunidades islâmicas.

O Alcorão proíbe o homicídio e impõe punições severas para isso. Assim, crimes de rua são praticamente inexistentes nos países islâmicos, segundo conclusões de ambos os autores.

O Islã clama pela igualdade e proíbe a discriminação baseada em cor, raça, sexo ou religião. Todas as pessoas são recebidas como iguais; todos são iguais perante Deus.

Finalmente, os mesmos autores afirmam que, para o muçulmano, a saúde mental não significa ausência de anomalias psicológicas, mas, ao contrário, significa o alcance de padrões de habilidades mentais, coordenando o culto com as obrigações diárias da vida e do trabalho. Os pilares do Islã têm permitido aos muçulmanos viverem uma vida comum responsável e munidos de estruturas externas que ajudam a regular seus estados emocionais, protegendo-os da ansiedade e de outras doenças.

BIBLIOGRAFIA

- AZAYEM, Gamal Abou El, and DIBA, Zari Hedayat. "The Psychological Aspects of Islam and Their Psychological Corollary", *The International Journal for the Psychology of Religion*, 4(1): 41-50.

- GEELS, Antón. "The Function of the Koran and the Psychology of Religion", *International Journal for the Psychology of Religion*, 7(4): 237-240, 1997.
- GRANGER, Gilles Gaston. *A Ciência e as Ciências*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.
- HOOD, R. W. *Handbook of Religious Experience*. Birmingham, AL, Religious Education Press, 1995.
- HOURANI, Albert Habib. *Uma História dos Povos Árabes*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- NASR, Seyyed Hossein. *Vida y Pensamiento en el Islam*. Barcelona, Editorial Herder, 1985.
- VERGOTE, Antoine. "Religion et secularisation en Europe Occidentale: Tendances et Perspectives", *Revue Théologique de Louvain*, 14: 421-445, 1983.
- . "What the Psychology of Religion Is and What It Is Not", *The International Journal for the Psychology of Religion*, 3(2): 73-86, 1993.
- . "Religion et secularisation en Europe occidentale: Tendances et perspectives", *Revue Théologique de Louvain*, 14: 421-445, 1983.
- ZARI, Hedayat-Diba. "The Selfobject Functions of Koran", *International Journal for The Psychology of Religion*, 7(4): 211-236, 1997.

Abstract: The purpose of this article is to analyze Islam under the perspective of a non-secular tradition, that is, that the reality in Islam has profound connections with God and religion, which in turn serves to restore the relationship between man and God, based on the authority of the Alcoran. The present analysis contains statements of several experts, who discuss the aspects of each muslim's religious duties, which are designed to identify and guide the individual throughout his spiritual and social life. Finally, this study has come to the conclusion that Islam today can be understood as a response to "modernism" and its various manifestations.

Keywords: Islam, Islamism, Identity, Secularization.